

Em nome do público, mas sem o público: uma análise do sistema de fonte aberta no jornalismo do século XXI

Alexandre Lara

Índice

Introdução	2
1 Hipertexto e hipermídia	6
2 Interatividade	10
3 A interatividade na Internet	10
4 Webjornalismo	13
5 Jornalistas do ciberespaço	15
6 Blog: origem e desenvolvimento	20
7 <i>Open source journalism</i>	24
Referências	28

Resumo

Observação de forma sistemática às mudanças paradigmáticas que o open source journalism trouxe aos profissionais da imprensa é um dos principais objetivos desta investigação. Para isso foram destacadas as configurações do perfil do jornalista do século XXI diante de um cenário de convergência tecnológica, onde a notícia deixa de ser apenas lida, mas recebe informações adicionais e promove a discussão científica, na tentativa polêmica de caracterizar a produção e publicação de notícias de modo colaborativo. Entre as novas habilidades propaladas pelo mercado e teóricos, estão a do profissional multimidiático e descentralizador. Para analisar essas mudanças, o ponto de partida para

se aproximar do objeto foi utilizada a pesquisa exploratória e observação sistemática de sistemas emergentes do webjornalismo participativo, para então analisar o impacto da convergência tecnológica sobre a legitimação do sistema de fonte aberta em veículos oficiais.

Abstract

Observation of systematic form to the changes that the open one source journalism brought to the professionals of the press is one of the main objectives of this inquiry. For that were detached the configurations of the profile of the journalist of the century XXI faced with a setting of technological convergence, where the news leaves of barely to be dealt, but receives additional information and promotes the scientific argument, in the attempt polemics of characterize the output and way news publication in group. Between the new abilities divulged by the market and theoretical, are to of the professional one multimidiatic and decentralization. For it analyze those changes, the starting point for approach of the object was utilized exploratory research and systematic observation of emergent systems of the webjornalismo participatory, so that analyze the impact of the technological convergence about the legitimating of the system of open spring in official vehicles.

Palavras-chave: open source journalism, jornalismo de fonte aberta, webjornalismo participativo, jornalismo participativo, convergências tecnológicas.

Introdução

As Tecnologias da Comunicação e da Informação (TIC's) também são responsáveis por mudanças no cenário jornalístico. A interatividade ganhou espaço nos meios de comunicação, possibilitou a troca de idéias, conteúdos, matérias e notícias que transformaram a prática jornalística. Se antes o jornalista dependia dos grandes e pesados arquivos de metal para elaborar uma matéria com documentos do passado, hoje ele conta com uma base de dados dinâmica que em questão de segundos oferece os dados necessários para o aprofundamento de uma reportagem, por

exemplo. Mas a maior transformação foi com relação à interação com o público.

A interatividade na rede é classificada em vários níveis por Alex Primo, como será apontado na fundamentação teórica deste trabalho. No entanto, é com o jornalismo de fonte aberta (open source journalism) que o público pode interagir com os meios de comunicação, onde da efetiva interatividade (QUADROS, 1999) surge à troca de experiências, fatos e notícias.

Para George Landow (1997), “a leitura no hipertexto demanda que o internauta assuma uma postura ativa na seleção dos links que apontam para diferentes lexias na estrutura hipertextual, o que converteria em co-autor”. No jornalismo de fonte aberta, o leitor não escolhe apenas o caminho a ser percorrido. Ele também constrói uma história. (QUADROS, 2005).

Para Primo e Trasel (2002), “a construção participativa de notícias e ao seu debate levanta novas questões não apenas sobre o webjornalismo, mas também exigem renovados debates em torno do sistema produtivo e dos próprios ideais jornalísticos”. Diversos modelos de jornalismo de fonte aberta, como Slashdot, Indymedia, Ohmynews e Northvoice¹, têm mostrado – de diferentes formas – que o público pode contribuir, e muito, no momento de registrar um fato.

Diante desse fenômeno de comunicação, o jornalismo de fonte aberta, pretende-se explorar suas características para discutir assuntos relevantes e observar de forma sistemática mudanças paradigmáticas que o open source journalism, jornalismo de fonte aberta (inspirado no princípio de software livre) trouxe aos profissionais da imprensa, se a busca é pela pluralidade nesse novo sistema, ou se gera a descaracterização da profissão de jornalista, são uns dos principais objetivos desta investigação. Para isso serão destacadas as configurações do perfil do jornalista do século XXI diante de um cenário de convergência tecnológica, onde a notícia deixa de ser apenas lida, mas recebe informações adicionais e promove a discussão científica, na tentativa polêmica de caracterizar a produção e publicação de notícias de modo colaborativo. Entre as novas habilidades propaladas pelo mercado e teóricos, estão a do pro-

¹ Disponíveis em URL: Slashdot <http://slashdot.org/>; Indymedia <http://pt.indymedia.org/>. Ohmynews <http://english.ohmynews.com/>. Northvoice <http://northvoice.libsyn.com/>.

fissional multimidiático e descentralizador. Para analisar essas mudanças, o ponto de partida para se aproximar do objeto (jornalismo de fonte aberta), será utilizada a pesquisa exploratória, que neste estudo consiste no levantamento bibliográfico, entrevistas com profissionais da área e observação sistemática de sistemas emergentes do webjornalismo participativo. Em uma segunda etapa da investigação, pretende-se analisar o impacto da convergência tecnológica sobre a legitimação do sistema de fonte aberta nos veículos oficiais: *Gazeta do Povo On-line* e o site *Ohmynews*. Para tanto, torna-se necessário estudar novos conceitos teóricos surgidos desde o advento da Internet e como o sistema de fonte aberta se apropria diariamente de subespaços jornalísticos para inovar e dialogar com os meios de comunicação convencionais e emergentes. Para buscar referenciais para essa investigação, em primeiro lugar, as teorias da comunicação, do jornalismo e as referências sobre o sistema open source journalism serão estudadas. Autores como José Afonso da Silva, Cláudia Irene de Quadros, Ana Paula da Rosa, Josiany Vieira, Ana Maria Brambilla, Marcos Palácios, Alex Fernando Teixeira Primo (webjornalismo), Beth Saad (mídias digitais e convergência), entre outros cientistas da comunicação que serão pesquisados durante todo o processo de produção direcionarão esta pesquisa.

Ao considerar que o público-alvo deste projeto são profissionais da comunicação, e o estudo permeia os novos aspectos e ferramentas das tecnologias da comunicação e informação, recorda-se que exemplos de sistemas comunicacionais, como blogs, orkut e chats, também serão utilizados neste estudo. No entanto, é importante ressaltar que “além da dimensão tecnológica, é preciso também apontar os discursos em defesa da livre circulação de informações como outro fator que inspira e justifica a emergência de experiência com jornalismo participativo”. (PRIMO, 2005).

A Internet teve grande ascensão nos países estrangeiros, porém no Brasil sua plataforma de expansão científica para as empresas privadas demorou cerca de cinco anos (PINHO, 2006, p.31) até chegar a se tornar um recurso consolidado dentro das imprensas brasileiras. No entanto, é importante dizer que os jornais digitais brasileiros chegaram à WWW (World Wide Web) quase que no mesmo período que os norte-americanos (QUADROS, 2002). A *Gazeta do Povo*, por exemplo, é considerado o segundo jornal on-line brasileiro a disponibilizar todo o

conteúdo da versão impressa na rede das redes. O primeiro foi o *JB on-line*. (Quadros e Quadros, 2004).

A Internet, em um espaço reduzido de tempo se internalizou na maioria das repartições públicas e principalmente nos veículos de comunicação que necessitavam de agilidade no envio e recebimento de informações, e também na redução constante de gastos com papel, o que encarecia as despesas dos veículos dia após dia com o número de folhas de sulfite jogadas no lixo. A nova ferramenta chegou de forma aplausível nas negociações mercadológicas, trazendo bem-estar e revolução também na forma de se comunicar. (LIVRO VERDE, 2000).

Em paralelo a toda essa situação de novidades, o Brasil mostrava-se extremamente atrasado. Em 1989, quando Tim Bernes Lee criava o protocolo http, em Curitiba o maior jornal de circulação do Paraná ainda utilizava máquina de escrever mecânica em sua redação.

A Gazeta do Povo é um dos jornais mais antigos da capital, cresceu e se surpreendeu quando ao sair da velha máquina de escrever e, partindo para a era digital, tornou-se um dos pioneiros em informatizar seus sistemas empresariais. A Gazeta do Povo começou a circular em dois de fevereiro de 1919 tendo hoje 86 anos de existência. (OLIVEIRA FILHA, s-d, p.1)

Segundo a jornalista Elza Aparecida de Oliveira Filha (2003), autora do artigo Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo e o Estado do Paraná”, os dois jornais se ajustaram de maneira prática e sustentável para negociar a nova era digital. Os dois jornais polidos de autoritarismo e almejando uma independência política convencionalizada, instrumentalizaram e informatizaram as suas redações, passando a acreditar em uma revolução pertinente na arte de se fazer um bom jornal.

Peter Drucker (2000) diz que “o impacto verdadeiramente revolucionário da Revolução da Informação está apenas começando a ser sentido”. Já a Gazeta Mercantil em 2000 afirma que:

Uma nova economia planetária não se instaurará da noite para o dia. Os gastos com a tecnologia, a parte mais visível da nova economia, estão sem dúvida crescendo em todas as áreas, embora ainda não tenham alcançado os níveis dos EUA. As vendas mundiais de semicondutores subiram 17% em 1999, enquanto

o número de usuários da Internet deverá mais do que duplicar na Europa Ocidental durante os próximos cinco anos.

Assim, a Internet nasceu da soma de várias conquistas no setor comercial, conduzindo e interpelando radicalmente as transformações que ela construiu na área da comunicação, no trabalho, no comércio e principalmente no entretenimento.

Na comunicação “o Brasil não está alheio a essa revolução” (MCT, 2005). Os números de usuários que utilizam a Internet ultrapassam os seis milhões, integrando no cenário digital um excelente posicionamento perante os Estados Unidos e outros países da Europa.

Alguns economistas (id, 2005) acreditam que o Brasil necessitará investir cada vez mais na educação via digital, possibilitando uma maior compreensão intelectual e graduando o Brasil como um país globalizado e, principalmente, tecnológico, reduzindo assim a dissonância econômica entre os povos. “O grande desafio da Internet é conectar quem está fora dela por motivos econômicos ou ideológicos” (Revista Veja Vida Digital, 1999, p. 86 citado por PANTOJA e FERREIRA, 2000, p. 65).

O desenvolvimento da Internet na era 2000 passou a ser considerado por especialistas (Id, 1999, pág. 86) a grande alavanca de inovação e motor para o desenvolvimento do mercado da comunicação, o que dinamizou as relações entre a imprensa brasileira e o mundo.

1 Hipertexto e hipermídia

Com o advento da WWW é possível colocar em prática o hipertexto digital. Um texto eletrônico é interligado a outro texto e permite que o internauta acesse por meio de links outros elementos existentes na Internet. O termo hipertexto foi criado na década de 1960 por Ted Nelson, que, com base no texto escrito por Vannevar Bush na década de 40, demonstrava a importância de encontrar uma informação de modo não linear, utilizando recursos associativos como o pensamento humano. (PINHO, 2003, p.50)

Com o hipertexto o usuário tem a liberdade de seguir os caminhos que desejar percorrer, não sendo obrigado a obedecer a uma ordem determinada de antemão.

De acordo com Pollyana Ferrari (2004), “um hipertexto, que, ao utilizar nós ou elos associativos (os chamados links), consegue moldar a rede hipertextual, permitindo que o leitor decida e avance sua leitura de modo que quiser sem ser obrigado a seguir uma ordem linear”.

Lúcia Leão (1999) afirma que no hipertexto todo o leitor é um pouco escritor, pois ao navegar pelo sistema, vai estabelecendo elos e delineando um tipo de leitura. O conceito de texto flexível requer e cria um leitor ativo.

Diferente do texto ocidental que é escrito da esquerda para direita a partir do canto superior da página, com um começo meio e fim já predestinado, o texto eletrônico não segue obrigatoriamente esta regra. Para Lúcia Santaella (2004), ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir. É o usuário que determina qual a informação deve ser vista e por quanto tempo.

Nesse sentido, tem-se a impressão de que esse modo mais dinâmico das pessoas utilizarem as informações é algo que vem sendo possível a partir do advento da Internet. Porém, esse pensamento não é de todo correto, pois ao analisar o índice de um livro pode-se ver através dos títulos todo o conteúdo que este material possui e deslocar-se para página de interesse, sem a obrigação de ler a obra página a página.

Vannevar Bush, na década de 40, apontou a necessidade de criar uma máquina (o *Memex*) que auxiliasse o pesquisador no momento de encontrar um documento de modo não-linear, tal como o pensamento humano. Essa máquina nunca chegou a existir, porém inspirou diversos pesquisadores a explorar o hipertexto. (Quadros e Santos, 2006) E, como lembra Pinho (2003), a principal característica do hipertexto é a sua maneira natural de processar informação, que trabalha por associações de idéias assim como a mente humana.

O hipertexto permite que o leitor/usuário construa seu próprio caminho, podendo deixar a passividade dos meios de comunicação massivos para assumir uma posição mais ativa. No entanto, para uma boa navegação na Internet há diversos fatores que devem ser considerados, como a arquitetura da informação (forma como o conteúdo é distribuído) e usabilidade (facilidade de navegação) do site. E na rede das redes o usuário/leitor pode encontrar caminhos sem volta e se perder no labirinto (Leão, 1999).

A Internet tem como característica primordial a rápida transformação, adquirindo novas formas, linguagens e possibilidades. Uma delas, que faz parte deste grande corpo em transformação, é a hipermídia. Aparentemente sua diferença com o hipertexto é bem sutil ou até imperceptível para alguns, porém suas características são próprias e bem definidas (SANTAELLA, 2004)

A hipermídia mescla textos, imagens fixas e animadas, vídeos, sons e ruídos em um todo complexo. “É a mescla de vários setores tecnológicos e várias mídias anteriormente separadas e agora convergentes em um único aparelho” (Id. 2004).

O hipertexto e a hipermídia possuem *links*: nós. Elos e ligações que remetem a uma “exclusiva navegação de conhecimento” dentro dos infinitos limites que a era digital pode proporcionar, ou seja, revisão de documentos, artigos, muito mais interatividade e conhecimento conectado a uma única palavra dentro de um contexto na Internet. O entretenimento também é aguçado, as ferramentas audiovisuais são modernizadas dentro de trocas fulminantes, “costuradas” entre textos e publicações científicas. Isso aguça o conhecimento do público da Internet e aumenta o interesse pela procura do conhecimento, abastecendo as conexões com outras mídias informativas.

Conforme explica Leão (1999), o que distingue a hipermídia é a possibilidade de estabelecer conexões entre diversas mídias e entre diversos documentos. Ou nós de uma rede. O leitor em hipermídia é um leitor ativo, que está a todo o momento estabelecendo relações próprias entre diversos caminhos. Já para Santella (2004) o propósito básico deste sistema é conectar um nó a outro de acordo com algum desenho lógico, dizendo que “a hipermídia não é feita para ser lida do começo ao fim, mas sim através de buscas, descobertas e escolhas... e quanto mais rico e coerente for o desenho da estrutura, mais opções ficam abertas a cada leitor”. (p. 50)

Tanto no hipertexto quanto na hipermídia, como na própria Internet, não existe a convergência a um ponto central, muito pelo contrário existem vários caminhos e várias direções que o internauta pode seguir para obter as informações desejadas. Leão (1999) cita que, “não existe um centro único, mais sim um conjunto dinâmico composto pelos *links*, sites, páginas, homens, instituições etc”. (p. 73)

Assim, com diversas opções flexivas, o internauta tem a possibilidade de interagir através da navegação.

O advento da internet possibilitou uma maior difusão do conteúdo jornalístico na mídia, fomentando o mercado de trabalho e modernizando as relações entre usuários digitais, vinculando os setores econômicos e tradicionais, aumentando o número de grupos de pessoas que criam na Internet as suas próprias revistas e emissores de rádios e outros revolucionários negócios que agregam resultados de forma sutil e persuasiva no mundo digital.

Segundo o site *Escola do Futuro* (www.futuro.usp.br), desenvolver projetos de interação no meio digital é estabelecer uma conexão ampla e inteligente na troca de experiências e idéias, um dos projetos viabilizados por ela é o Projeto *Sky*, que consiste na troca de informações com o hemisfério norte sobre as análises de observação do céu, com isso poderíamos associar o ensino universitário interativo na era digital, com um grande instrumento de interação social entre acadêmicos de todas as partes do planeta.

Alex Primo (2001), também cita o ensino a distância sem comprometimento dos alunos presencialmente nas salas de aulas. As considerações citadas por Primo, falam sobre o aumento no número de alunos procurando esse tipo de serviço, ou seja, de 3,6 milhões, mais do que 80% deles, terminaram o curso educativo mediado pelo sistema on-line.

O ensino a distância surgiu da necessidade do preparo profissional e cultural de milhões de pessoas que, por vários motivos, não podiam freqüentar as escolas regulares.

A primeira barreira que dificulta o acesso do aluno às escolas, nos países de grande extensão territorial, são as distâncias, pois nem todos podem dispor de uma escola perto de suas casas. Para transpor todos esses obstáculos, e levar diretamente o estudo é o aluno, na sua própria casa, nasce o ensino a distância, que utilizando o correio e agora com o apoio da Internet, inaugura uma nova era na arte de ensinar (PRIMO, 2001, p. 2).

O contexto acima foi utilizado para dinamizar o entendimento da educação com as novas ferramentas da Internet, ou seja, compreender e trocar idéias sobre diversos assuntos e culturas diferentes é interagir com o mundo externo e capacitar a sociedade para uma nova era tecnológica (id, 2001).

2 Interatividade

Pierre Lévy (1999) afirma que o termo interatividade em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação. De fato, seria trivial mostrar que um receptor de informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo, porém há muito tempo a palavra interação tem sido banalizada e muitas pessoas nem sabem ao certo o que ela significa.

Uma definição básica de interatividade nos diz que se trata de um processo pelo qual duas ou mais coisas produzem um efeito uma sobre a outra ao trabalharem juntas. Uma definição menos genérica e mais simplificada diz que a interação é a atividade de conversar com outras pessoas e entendê-las (SANTAELLA, 2004, p.153-154).

Santella ressalta que existe uma discórdia muito grande entre os diferentes autores que discutem o processo de interatividade. Para uns o simples fato de uma pessoa jogar um vídeo game pode ser considerado interação, pois o jogador está recebendo respostas de uma ação que ele teve, por exemplo, de uma passagem de fase quando ele ganha uma partida.

Santella ainda afirma que para outros autores esse tipo de exemplo como o citado anteriormente não é válida como interatividade, pois, o vídeo-game pode até responder ao jogador, mas esta reação já foi pré-estabelecida.

A palavra interação se difundiu a partir da física e depois disso passou a fazer parte de diferentes ciências, como psicologia, sociologia e comunicação. Muitos estudos foram feitos para poder definir e dizer exatamente onde a palavra interação se encaixa. Depois de vários anos de buscas pelas definições, muitas vertentes surgiram e várias são as formas e graus de interatividade. Santella afirma que diante dessa proliferação ilimitada de sentidos, é preciso recuperar uma noção mais estreita, porém mais significativa do termo “interatividade”.

3 A interatividade na Internet

Atualmente a interatividade é considerada uma das principais ferramentas mercadológicas para se obter êxito no mercado formal e informal.

Dessa forma, veículos de comunicação on-line tendem a trocar de materiais e informações para que sua rapidez e entrosamento com seus participantes internautas sejam atingidos de forma eficaz e conveniente, abastecendo e enriquecendo a “sociedade digital”, e trazendo a discussão de temas relacionados e pertinentes.

Essa agilidade de integração no meio digital é analisada por Santaella (2006) como a revolução do meio jornalístico, onde a instantaneidade do rádio, a agilidade da televisão e a riqueza de detalhes e informações dos meios impressos, como jornais e revistas, ficam em segundo plano, dando espaço rápido e ágil ao público da Internet, que poderá interagir no mesmo momento em que a notícia é veiculada por jornalistas no meio, transmitindo ao profissional e ao leitor uma maneira prática, sustentável e inteligente de conciliar crescimento cultural, social e econômico, trazendo a “instantaneidade digital” das relações interpessoais com muito mais informações e detalhes.

O usuário-operador tem de interagir com o que vê, mediante as escolhas do que vê. “Ele não pode simplesmente olhar para o que apresenta na tela, sem agir“. É essa interação que está implícita no verbo “navegar“. (p. 144).

Sites especializados usam maneiras variadas de interagir com o público. As salas de bate-papo são um exemplo. Podemos citar o site www.facom.ufba.br, que funciona como os *chats* da Uol, onde o jornalista da *Folha de S. Paulo* e integrantes da equipe do serviço e muitas personalidades são convidados para conversar com seus leitores. Por exemplo, integração por meio de fóruns de discussão de temas de interesse sociais e pertinentes ao público selecionado, demonstração de parcelamento de conhecimento e manifestação de liberdade de expressão e troca de experiências e idéias. O que para a mídia de fonte aberta, facilita a conexão com diversas culturas e bagagens acadêmicas e sociais.

Outra forma de estimular a interatividade são as enquetes e pesquisas que tratam, principalmente, de temas polêmicos e assuntos que atraíam a atenção da maioria do público internauta.

Para Santaella:

Também nas redes, a grande inovação da comunicação encontrou-se no seu caráter interativo que é inseparável do caráter

do hipertextual e hipermidiáticos de sua linguagem. Comparando-se com as outras mídias, e fato, a Internet é a única inteiramente dialógica e interativa (2004, p. 52).

Santella cita que as diferentes capacidades tecnológicas e de interação na Internet, além da criação numerária constante de sites e portais disponibilizados para consulta na rede, deram origem à interatividade digital.

Kevin Mireles (BLOGSPOT, 2006), associa também os vídeos como ferramentas incondicionais para se criar uma midiática relação entre internautas e o jornalismo digital. Segundo Mireles, os vídeos produzidos por internautas ganharam espaço e capacitaram muito mais o quadro criativo, estabelecendo uma conexão de fonte aberta no jornalismo modernizado. Mireles cita algumas regras que devem ser seguidas periodicamente para se obter sucesso nesse relacionamento digital, entre elas “compreender os benefícios e desvantagens, tanto para usuários quanto para anunciantes, com relação à sites já existentes de disponibilização de conteúdos gerados socialmente”. (Id., 2006)

O compartilhamento também é importante para um bom andamento de integração com o usuário, análises de comportamento e principalmente, captura de conteúdos produzidos e abastecimento de outros meios de condução digitalizada. “Criar canais de captura e compartilhamento do melhor conteúdo produzido local, nacional e globalmente”. (Ibid., 2006)

Mireles ainda fragmenta a discussão sobre a interatividade digital com o aspecto experimental, ou seja, dinamizar e utilizar serviços online para garantir um “sucesso” seletivo no que exatamente o internauta quer assistir. “Experimentar, criar novas seções e novos serviços para testar que tipos de vídeos as pessoas querem compartilhar, e verificar se há uma disposição para se pagar, seja para disponibilizá-los, seja para assisti-los”. (Ibid., 2006)

Outros sites como o www.youtube.com², blogs e outros canais de jornalismo de fonte aberta, segundo Meireles, estabelecem uma apreciação de trocas de conteúdos e informações e interação com seu público, projetando uma vantagem aos webjornais locais quanto a sua estrutura e

² O BLOGSPOT está disponível em URL: <http://gjol.blogspot.com/2006/08/uso-de-vdeos-produzidos-pelos.html>

a relação com seus “clientes virtuais”, dando a eles capacidade de maior integração e acompanhamento de suas reais necessidades.

4 Webjornalismo

Machado (1998) diagnosticou sinteticamente a evolução do webjornalismo com o avanço surpreendente da tecnologia e destacou a grande importância do “remodelamento” dos profissionais dentro dela.

O fazer jornalístico se adaptou durante a evolução tecnológica e projetou-se com entusiasmo na Internet, surgindo então, o webjornalismo. As transformações dos formatos seguiam uma mesma linha de formatação, hoje os diferentes padrões fazem do jornalismo um caminho muito mais estreito entre o pequeno universo em que vivemos e o mundo.

O webjornalismo difundiu-se no Brasil em meados de 1995, contextualizando-se e se projetando na mídia digital com textos primários e sem qualquer outro tipo de ferramenta corporativa e de animação, após dois anos, em 1997, surge o projeto audiovisual, um sistema que possibilitaria ao internauta visualizar fotos, imagens e animações, construindo a informação e a notícia jornalística com muito mais teor de creditação pelo público participante (Apud, PINHO, 2003, p.114)

A grande preocupação, segundo Marcos Palácios (1999), é com o jornalismo impresso, que tende a perder gradativamente o seu espaço caso os proprietários dos grandes veículos de comunicação não realizarem uma moderna reforma. Palácios recorda ainda que a Internet seja um veículo em constante mutação, portanto os jornalistas especializados dentro dela precisam se adaptar dia após dia a inovação tecnológica.

Tanto o jornalista quanto a sociedade devem observar a funcionalidade do meio digital no jornalismo, percebendo que ele trabalha como um “termômetro”. É uma ferramenta de mediação entre as relações sociais, políticas e econômicas dentro do país. Para isso, segundo Palácios, é necessário proporcionar acesso a Internet a todos, buscando através do próprio jornalismo, posicionamento do governo e atuação das autoridades competentes nesse meio revolucionário. Palácios também afirma que o impresso continua sendo a memória da sociedade, enquanto o meio digital parece ser um tanto não “confiável”, não se adequando aos parâmetros de confiabilidade e creditação dos inter-

nautas, criando assim uma barreira incondicional entre o novo campo de evolução tecnológica e a prática social.

Segundo Gordon Bell (cf. Bell, s/d) existem pelo menos quatro características que podem formular e padronizar um obstáculo à utilização da Internet como função principal da memória. Um dos fatores citados por Bell é a longevidade do suporte. “Se o papel pode resistir séculos e a película décadas, os formatos digitais deixarão de ser legíveis dentro de 10 ou 20 anos”. Gordon justifica que a problemática não esteja ligada diretamente à qualidade do suporte, mas sim as mudanças tecnológicas dentro da área, citando como exemplo, os disquetes, que se tornaram ferramentas “obsoletas” para quem utiliza um *Macintosh*.

O acesso à base de dados pessoal também é detalhado por Bell como um fator de risco nas relações virtuais. A rapidez e a confiabilidade das informações pessoais precisam se submeter à privacidade total nas páginas da web, segundo ele também é importante manter um controle dos conteúdos pesquisados, mantendo uma legitimidade intelectual no que concerne à produção autoral.

Outro fator apontado por Gordon Bell no estigma da utilização do webjornalismo referente às fotografias vinculadas no meio on-line. Um exemplo é a indexação estabelecida pelo arquivista, “o que pesquisa é o nome do ficheiro e não o conteúdo dele”.

Existem questões de ordem técnica que repercutem na usabilidade do jornalismo na Internet, é essencial que as mensagens visuais guiem os internautas à procura da informação. Segundo Bell, uma base de dados digital deve responder a quatro perguntas fundamentais: “Onde estou? Até onde posso ir? Como chego lá? Como regresso a um ponto anterior?”.

A pesquisa do leitor, as modificações dos conceitos jornalísticos e da ordem dos acontecimentos na imensa teia de informações, constituem-se em abrangentes sinais fisiológicos e numéricos. São os mecanismos que permitem a pesquisa de campo e a memória-arquivo do utilizador.

Para João Canavilhas (2004), entende-se por hardware “o conjunto de todos os componentes informáticos do servidor, com particular destaque para os discos, onde estão alojadas as páginas web. No caso do corpo humano entende-se por hardware o cérebro por ser esta a estrutura que guarda a informação”.

Gordon Bell delimita as funções da Internet como um verdadeiro

corpo humano, onde as funções circulatórias dessa ferramenta estão ligadas diretamente à programação, como se igualasse ao pensamento humano.

Canavilhas descreve que:

Na Internet, o browser e a base de dados são os softwares (sic) que permitem a navegação e a pesquisa de informação, respectivamente. No corpo humano os sentidos funcionam como browser e a recordação como base de dados que organizam na memória as imagens das coisas (CANAVILHAS, 2004, p. 2).

Santo Agostinho em suas confissões (citado por Canavilhas, 2004) já declarava em tom de ciência que o funcionamento da memória humana é semelhante ao do computador.

Se, por acaso, alguma coisa, como qualquer corpo visível, desaparece da vista, não da memória, conserva-se interiormente a sua imagem e, procura-se, até que seja restituída à vista. Logo que for encontrada, é reconhecida pela imagem que está dentro de nós. Não dizemos que encontramos o que estava perdido, se não o reconhecemos, nem o podemos reconhecer, se não nos lembrarmos: mas aquilo que, de facto, estava perdido para os olhos, conserva-se na memória (Id, 2004, p. 3).

Canavilhas descreve que “a memória, tal como a web, perde informação, embora acabe por manter sempre uma tênue ligação que poderá, em determinadas situações, permitir a recuperação da informação” (2004, p. 3 e 4). Como é o caso do *Google*, que permite essa ligação, como referência oferecida na pesquisa, “que prova a existência da página, mas não nos permite recuperar a informação” (Id. 2004 p.4).

Ao contrário do que o autor afirma consideramos que as informações podem sim ser recuperadas através da ferramenta cachê do site.

5 Jornalistas do ciberespaço

Carl Stepp (1996) afirma que, a Internet não está somente criando e delimitando novos espaços jornalísticos, mas evidentemente efetivando uma mudança radicalmente positiva à formação dos jornalistas.

Maria Tereza Sandoval Martin (2000) diz que poder fazer jornalismo com a interatividade da Internet trouxe diversificação no modo da comunicação tradicional. Modernizou o espaço jornalístico na web, mostrou aos utilizadores que a integração e a possibilidade de se expor um pensamento ou uma reivindicação é tão possível quanto ir à rede televisiva, ao rádio e aos meios impressos de comunicação jornalística.

Pavlik, 2001(citado por AROSO, 2003) cita como “mutação principal”, três características no novo papel do jornalista na web. “O jornalista tem que ser mais do que um contador de fatos. O papel do jornalista como intérprete dos acontecimentos será expandido e em parte modificado, e os jornalistas on-line terão um papel central na ligação entre as comunidades”. (p.1)

As grandes transformações na carreira profissional de um jornalista começam então segundo Arturo Merayo Pérez (Id., 2003), a partir do momento em que ele passar pela “capacidade multimídia”.

Todos os meios serão multimeios, a verdadeira especialidade dos futuros profissionais da informação será a capacidade de trabalho em todos eles, selecionando e interpretando informação com a suficiente criatividade para dispor agradavelmente essa informação (p. 1).

Concha Edo (Id., 2003) aborda as competências multimídias do jornalista on-line. Ele ressalta ainda que:

A conversão dos jornalistas em “fornecedores de conteúdos”, tanto para jornais, como para rádio, televisão e Internet. É o jornalismo multimédia, que exige escrever a notícia para a Internet, com as correspondentes atualizações, e contá-la nos meios audiovisuais, compartilhando toda a informação e renunciando aos exclusivos e às reportagens, por falta de tempo para tal (p. 1).

Rut Gersh (citado por Stepp – 1996), fala sobre a persuasão e a criatividade exclusiva do jornalista on-line, onde a efetivação do trabalho deve estar pautada nos aspectos visuais, intelectuais e, principalmente, no “saber transformar a matéria digital em um verdadeiro *link* para dentro do próprio jornal”, resgatando ativadores de opinião e cidadãos bem informados.

Pessoas com uma mistura de aptidões tradicionais e futuristas, que conseguem trabalhar com imaginação tanto textos como fotos, áudio e vídeo. Então, o jornalista on-line acaba por ser um jornalista multimídia (MARTÍN, 2000). Christopher Harper (1998) exemplifica: “Na edição eletrônica, o repórter leva consigo uma caneta, um bloco de notas, um gravador de áudio, uma máquina fotográfica digital e por vezes uma câmara de filmar de uso doméstico.

Lasica, 1997 (citado por AROSO, 2003) comenta que os fundamentos jornalísticos tendem a serem reestruturados, modificando a função e as regras da profissão. Ela diz que “a Internet tem o potencial de reformular os fundamentos do jornalismo, do mesmo modo que a televisão alterou as regras da televisão”. (p.3)

Helder Bastos (2000) defende a opinião de que o jornalista terá todas as condições possíveis e específicas de ser reformulado dentro dessas mudanças, agindo como profissional gabaritado e especializado no conteúdo on-line, e não eliminado de suas funções jornalísticas como “gradualmente especulam”.

Jim Hall, 2001 (citado por AROSO, 2003) reformula a interatividade nas informações jornalísticas da Internet como um problema no que se refere à publicação de conteúdos antes exclusivos de profissionais, e também como solução, fazendo com que o delineamento do perfil do jornalista se conceba a partir da alavanca com o público articulador e a profissão.

Os papéis que o jornalismo atribuiu a si mesmo em meados do século dezenove, com a força do recentemente adquirido profissionalismo, como *gatekeeper*, *agenda-setter* e filtro noticioso, estão todos em risco quando as suas fontes primárias se tornaram acessíveis às audiências (Apud. AROSO, 2003, p.3)

Hall cita ainda que “os jornalistas adicionaram a função de cartógrafo ao seu papel e, na biblioteca universal que é a Internet, também se tornaram autênticos e designers para aqueles que seguem os mapas que eles desenham” (Id. 2003, p. 3)

De acordo com Doug Millison (1999) a Internet é um meio fulminante de dados e informações deslocadas. Por isso o cuidado e a persuasão do jornalista se tornam evidente e essencial no campo digital.

“Uma edição e filtragem de informação de confiança e com qualidade torna-se ainda mais importante na Internet, onde qualquer pessoa pode publicar qualquer coisa e fazer com que pareça importante nesse meio tecnológico” (2003, p.5).

Ricardo Jorge Pinto e Jorge Pedro Souza (1998) alertam os jornalistas sobre a perda pelo entrosamento profissional, onde a capacitação deixou de ser específica e sim generalizada, atuando de formas integradas, não estabelecendo uma linguagem própria digital, onde a informação visual e escrita deva estar explicitamente visualizada na grande teia de informações digitais, e também se intensifica com o problema da troca de informação pela “divulgação comunicativa”. De acordo com Pinto e Souza (Id, 1998) “o jornalista perdeu o monopólio do jogo informativo. A sua função de filtro de informação ficou agora condicionada pela entrada em cena de mecanismos de divulgação comunicativa ao acesso de todos” (p. 9 e 10).

Os debates em torno do webjornalismo se transformaram em um verdadeiro cenário de instabilidade profissional. Sem mencionar que levantaram dúvidas sobre o “fazer jornalismo na Internet”. Integrar o utilizador do meio às informações geradas e criar um espaço para debates e manifestações é outro ponto observado, mas é importante não corromper as opiniões pessoais e fragmentadas dentro de um grupo de debate. O jornalista deve posicionar-se como um mediador, estabelecendo sua real função social de um profissional desse campo.

Saber explicar e valorizar as informações geradas na Internet, segundo Jonathan Dube, 1999 (Citado por AROSO, 2003):

Os jornalistas on-line devem aprender algumas ferramentas básicas da Web: como usar a Internet para pesquisar informação, programação básica de HTML para saberem construir páginas Web, produção digital de áudio e vídeo e técnicas de programação na Web relacionadas, para adicionar elementos multimédia ao texto jornalístico (2003, p. 1).

Furio Colombo, 1998 (citado por AROSO, 2003) diz o seguinte:

Os peritos e os profissionais da informação, neste quadro infinitamente maior, mais povoado, mais rico, mais perigoso, apresentar-se-ão como os voluntários de um patrulhamento ideal,

os capacetes azuis que tentam retirar a ordem da desordem, seqüências racionais do caos, e um constante trabalho de identificação e denúncia da desinformação que se torna possível numa base enormíssima (Id. 2003, p. 4).

A grande divulgação de informações e a sobrecarga de opiniões, denúncias e matérias em total “giro” pelo mundo trazem uma percepção inajustada das filtragens do conhecimento factual.

Este crescimento exponencial de mensagens trocadas, de informação e serviços disponíveis através da Rede, apesar de potenciar a partilha de conhecimentos, a troca de informações e a oferta de serviços, coloca também dificuldades de seleção, remetendo para a necessidade de existirem mecanismos de filtragem que baixem a entropia e assegurem confiança” (ANTUNES, CASTRO e MEALHA, 2001, p. 6).

Por esses fatores, segundo Lizy Zamora (2001), o papel ativo do jornalista será importantíssimo nessas relações, fundamentando e organizando as informações em tempo real.

O trabalho do jornalista será muito importante nesta nova era. Será o responsável por hierarquizar, organizar e apresentar a informação que interesse a cada pessoa segundo as suas necessidades. Este trabalho de filtragem caberá ao jornalista. O ser humano não dispõe de tempo, nem tem a formação suficiente, para interpretar a informação. O utilizador terá a necessidade de contar com alguém que selecione, informe, interprete e julgue os feitos que acontecem no mundo (SALA DE PRENSA, 2001).

A filtragem e a credibilidade associada ao jornalismo na web transcrevem, conforme Anabela Gradim (2000), o referencial do profissional, onde o crédito inquestionável torna o jornalista uma espécie de “cérebro” em um meio de comunicação on-line. “O maior capital de um jornal, e o único do jornalista, é o seu *brand name*, uma reputação profissional impoluta, a credibilidade junto dos leitores e a confiança conquistada ao longo dos anos”. (p. 157)

Finalizando, Doug Millison, 1999 (citado por AROSO, 2003), reafirma que o papel do jornalista é imprescindível na comunicação –

on-line. “Agora, mais do que nunca, precisamos de jornalistas profissionais que ajudem a distinguir o trigo de notícias de confiança e opiniões credíveis do joio de rumores e propaganda que abundam na Internet”. (p. 5)

A partir das afirmações teóricas instrumentalizadas acima, um meio digital, assim como qualquer outro meio de ação jornalística, deve ser tecnologicamente e cientificamente reestruturado durante os anos para que possa atender as necessidades sociais da época em que existe. A atualização mais recente neste contexto são os blogs jornalísticos.

6 Blog: origem e desenvolvimento

O avanço tecnológico, o desenvolvimento de microprocessadores e o surgimento do computador pessoal (MATOSSO, 2003) tornaram mais fácil a interação de pessoas por meio de uma tela de computador, principalmente depois da inserção da Internet.

Carolina Terra (2005) afirma que “a Internet permite que indivíduos, grupos, empresas, escolas, universidades, organizações em geral, se comuniquem através de uma rede enorme, estável, relativamente barata e acessível a muitas pessoas por meio de computadores” (2005, p.2).

Conforme Claudia Irene de Quadros et al. (2005), essa comunicação se intensificou ainda mais a partir de dezembro de 1997, quando o norte-americano John Barger utilizou a palavra Weblog, pela primeira vez, para descrever sites pessoais que permitissem comentários e fossem atualizados com frequência.

Paula Rocha Tung (2003) lembra que alguns não consideram essa informação correta e afirmam que o primeiro weblog foi conseqüentemente o primeiro website, produzido por Tim Berners-Lee quando da criação da Web.

Blog é um diário eletrônico que qualquer cidadão pode criar na Internet onde é possível interagir e abrir *links* para os demais blogs. O termo blog é a junção de duas palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo), onde *web* representa a World Wide Web e *log* os registros. “As informações publicadas aparecem em ordem cronológica, com horário em que foram postadas e podem ser atualizadas a qualquer hora, de qualquer lugar, basta ter um computador conectado à Internet” (SIMÕES et. al. 2003).

Claudia Quadros et. al. (2005) afirma:

Desse modo, blogs são registros na World Wide Web. Desde 1997, quando proliferaram na rede, esses registros têm sido dos mais variados gêneros, como: diários pessoais, protestos, projetos, propaganda e notícias dos bastidores dos meios de comunicação. Todos com a necessidade de compartilhar uma idéia ou contar uma história para qualquer internauta disposto a participar ou não com comentários (p. 3).

O escritor D. Travers Scott (apud Quadros et. al., 2005) organiza os blogs em dois períodos: protótipos de blogs e blogs contemporâneos. Na fase dos protótipos de blogs, era necessário que o blogueiro soubesse a linguagem HTML. E uma das grandes vantagens do blog contemporâneo é permitir aos usuários publicarem conteúdos sem precisarem ter conhecimento técnico algum.

A Internet possibilitou a integração dos diversos meios de comunicação, pois os blogs podem conter todo e qualquer arquivo multimídia como: textos, fotos, imagens, áudios, vídeos e gráficos (FOSCHINI e TADDAEI, 2006).

Para Tarcisio Torres Silva (2005), os meios de comunicação, antes isolados, hoje podem dialogar entre si, completam informações e possibilitam o aumento de sentido das mensagens. Os ambientes passam de multi, para hipermediáticos.

Primo e Recuero (2003) defendem que nos blogs é possível ter uma construção coletiva. O leitor pode interferir no texto dos blogueiros, podendo adicionar o conteúdo que desejar. “O surgimento dos blogs trouxe uma nova revolução dentro da revolução criada pela Internet e a Web multimídia” (PINTO, 2002, p.13).

Os blogs trazem a construção de uma rede de relações, construções e significados. O leitor de um texto, por exemplo, é convidado a verificar a sua fonte (através de um *link*), observa a discussão em torno do assunto (através dos comentários), é convidado a ler outros textos que tratam do mesmo assunto em outros blogs (através do *trackback*) e pode, inclusive, fazer suas próprias relações através de uma participação ativa como comentarista ou como blogueiro, em seu próprio blog (PRIMO e RECUERO, 2003 p.5/13).

Dessa forma, Silva (2005), acredita que o usuário pode percorrer o caminho sem indução, sem pensar, podendo fazer sua própria interpretação e ter a relação de interação no espaço cibernético.

(...)o diálogo pode ser feito na hora, sem burocracias, sem demora nas respostas, sem seleção dos melhores comentários a serem publicados e sem grande rigor estético. Basta um simples acesso ao *link* de comentários, um e-mail direto ao autor do blog com opiniões e sugestões sobre o texto, ou ainda uma resposta em forma de texto (ou imagens), no caso dos blogs coletivos (p. 10).

De acordo com Silva, “o que fica claro é que o universo da rede é infinito para tal aspecto, recheado de múltiplas escolhas, muitas ainda a serem descobertas”. (2005, p. 13) Marcos José Pinto (2002) declara que nunca foi tão fácil manifestar-se na Internet:

Qualquer pessoa que saiba pilotar razoavelmente um mouse e um teclado pode criar, em cinco minutos, gratuitamente, um blog simples, e divulgar suas idéias para o mundo. (...) Divulgue suas vitórias, suas paixões, seus medos, seus poemas, opiniões sobre tudo e sobre todos, suas descobertas, receitas de tudo. Troque idéias com outros blogueiros e com os leitores de blog. Publique comentários dos seus visitantes, comente o blog dos outros. Tudo isso sem ter que saber uma linha sequer de programação, HTML, nada (PINTO, 2002, p. 14).

O blog teve seu início em meados dos anos 90, mas foi em grandes acontecimentos que este sistema emergente de comunicação despertou o interesse da mídia e atraiu ainda mais o público. Em 11 de setembro 2001, por exemplo, os blogs alcançaram um importante papel como fonte de notícia, com o ataque das torres gêmeas. As imagens e informações eram transmitidas por blogs de minuto a minuto (FOSCHINI e TADDAEI, 2006). “No Brasil, o blog começou a ganhar força entre usuários da Internet em 2000, mas somente três anos depois que os jornais digitais brasileiros decidiram implantar esse sistema de comunicação adotado pelo público” (QUADROS e SPONHOLZ, 2006).

O blog é um fenômeno do século XXI, como apontam Amorim e Vieira (2006):

Em vez de um meio de comunicação de massa, com um transmissor central para milhões de ouvintes ou telespectadores, a rede mundial promete ser um meio de que todos possam participar, onde todos possam publicar e gerar conteúdo. Promete ser um meio de comunicação não apenas de massa, mas construído pela massa – os internautas. [...] o século XXI é, portanto, a Era da Internet e – também – dos Blogs (Época, ed. 428, 2006, p. 97).

Segundo a *Technorati*³, site de busca especializado em blogs, atualmente estão registrados 56,6 milhões de blogs no mundo. Setenta e cinco mil blogs são criados por dia e 50.000 mil atualizações são feitas por hora. No Brasil, segundo o BlogBlogs⁴, site que cataloga blogs brasileiros, 91.073 mil blogs estão cadastrados. Dos 20 milhões de internautas brasileiros, estima-se que 25% vasculhem blogs todo dia (Época, 2006, p. 99).

Elizabeth Saad Corrêa (2005) acredita que com o crescimento dos meios digitais, a ampla instantaneidade e interatividade, cresce o papel do jornalista diante do conceito da virtualidade, onde este passa a assumir a posição de “arquiteto da informação⁵”, até mais que isso, “sua responsabilidade perante os conteúdos produzidos e sua ilimitada distribuição, se amplifica. E ganha muito mais peso à medida que o tempo real exige decisões rápidas e socialmente muito mais responsáveis” (CORREA, 2005).

Os blogs foram os recursos mais utilizados diante de grandes acontecimentos como a cobertura da CPI dos Correios, onde o blog do jornalista Ricardo Noblat, obteve 55.763 visitantes (QUADROS et. al., 2005).

Neste sentido, Quadros et. al, descreve os blogs, como um novo tipo de jornalismo.

O mais importante não é como a matéria foi produzida, se foi um repórter que apurou os dados diretamente com a fonte, se é uma cópia do que os demais veículos publicaram... O que importa é a informação, esta escrita de forma sintética, quase como

³ Disponível em www.technorati.com. Acesso em 10 de outubro de 2006.

⁴ Disponível em www.blogblogs.com.br. Acesso em 16 de outubro de 2006.

⁵ Segundo Elizabeth Saad Correa, “Arquiteto da Informação”, é uma fusão potencializada das definições conhecidas de “informação” e de “arquiteto”.

uma crônica, onde os seus responsáveis assumem posições e lançam mão da ironia, do texto poético e de todos os recursos técnicos para transmitir da forma mais eficaz possível esta informação (QUADROS et.al., 2005).

No Brasil, os blogs mais acessados são:

Nome	Endereço eletrônico
Jesus, me chicoteia	http://www.jesusmechicoteia.com.br
Kibe Loco	http://kibeloco.blogspot.com
Cocadaboa	http://www.cocadaboa.com
Interney	http://www.interney.net
Querido Leitor	http://queridoleitor.zip.net
Pensar Enlouquece	http://www.pensarenlouquece.com
Blog do Noblat	http://noblat1.estadao.com.br/noblat
Blog do Juca	http://blogdojuca.blog.uol.com.br

FONTE: Revista Época, 2005. Ed. 428.

Dados da Revista Época, citados anteriormente, mostram a variedade de blogs existentes hoje, são capazes de mostrar exatamente o que o internauta quer ler, prova disso é o blog do analista de sistema paulista Edney Souza. Seu blog, o *Interney.net*, que já esteve entre os 20 mais visitados do mundo (EPOCA, 2006. p. 100).

Assim, o jornalismo digital, “segue o seu rumo em busca de uma narrativa multimídia e interativa da notícia” (QUADROS e SPONHOLZ., 2006).

7 *Open source journalism*

A expansão das possibilidades midiáticas sempre foi um pressuposto para a melhora da qualidade da informação. Enquanto o meio impresso experimentou o aumento de leitores conforme alargou a quantidade de publicações, o rádio cresceu após a Primeira Guerra Mundial com o aparecimento de novas emissoras. Esses exemplos confirmam que a adaptação midiática está intimamente ligada ao surgimento de novas técnicas e equipamentos.

Nessa mesma base de relacionamento encontra-se o jornalismo online e a proposta deste TCC de trabalhar com a produção de fonte aberta,

onde o *open source journalism* aparece como um novo passo na evolução do jornalismo digital. José Afonso da Silva Junior (2004) justifica essa mudança dizendo que “a progressiva aceitação de uma mídia depende dos dispositivos tecnológicos que permitam, de um lado, a geração em escala mais ampla de conteúdos; e de outro, condições tecnológicas e sociais para a assimilação desse conteúdo”.

Leonard, 1999 (citado por QUADROS, 2005), conta que o “termo *open source journalism* foi usado pela primeira vez em 1999, num artigo de Andrew Leonard, sobre a experiência de uma repórter do *Slashdot*, que pediu a participação do público para escrever um artigo sobre ciberterrorismo”. (p.6)

Quadros ainda afirma, conforme estudos, que “no início do *boom* dos jornais digitais, havia apenas a transposição dos diários impressos para a rede das redes, como destacado em estudos anteriores (Pavlik, 1997; Quadros, 1999; Machado, 2003, citado por QUADROS, 2005, p. 5). Aos poucos essa nova mídia foi tomando proporções tão imensamente variadas que “ainda hoje, com o desenvolvimento do jornalismo digital em curso, é comum observar reproduções de idéias que surgem no ciberespaço para cativar e seduzir o usuário”.(Id, 2005, p. 5)

Uma informação de fonte aberta é qualquer recurso informacional de acesso público inspirada no movimento de *software* livre e de código-fonte aberto, o *Free and Open Source Software* (FOSS). (STALDER, 2006).

Ana Maria Brambilla (2005) caracteriza de forma muito clara o “código-fonte” do jornalismo on-line como as ferramentas de publicação, pois a comparação está na forma de produção e não no produto final. Ela afirma que mesmo enfrentando resistência de alguns, a intenção desse tipo de jornalismo não é “de desregulamentar nenhuma profissão, ao contrário: a meta é fortalecer as bases dialógicas de uma imprensa cuja função essencial é aperfeiçoar o potencial crítico do público”. (p. 1)

O jornalismo de fonte aberta é um novo conceito trazido à tona pela rede mundial de computadores, mas ainda é pouquíssimo utilizado e conhecido, principalmente no Brasil. As mais conhecidas páginas onde se pode encontrar essa variação do jornalismo são a *Wikipédia* (www.wikipedia.org), o *Slashdot* (www.slashdot.com), o *Digg* (www.digg.com) e o *Open News* (www.opennews.com). Para definir

melhor o funcionamento destes meios digitais é necessário entender o processo de pelo menos um deles, no caso o *Wikipédia*, originalmente uma enciclopédia on-line.

O *open source journalism* é uma base de extrema importância para esta dissertação. Ele abre um imenso leque de possibilidades para o antes denominado leitor, colocando-o agora em posição de construtor da notícia e ainda dando-lhe oportunidade de adicionar, comentar ou alterar informações já publicadas. Segundo Ana Maria Brambilla (2005) “o termo é uma tentativa de caracterizar a produção e publicação de notícias de modo colaborativo”. (p.1)

Interessante nesse sistema aberto é o redirecionamento da informação.

A integração de emissor e receptor na figura do interagente permite que cada pessoa seja um nó simultâneo de criação, assimilação e reconstrução da mensagem midiática, desenhando um movimento de relações e trocas que se assemelha a uma espiral. Tal dinâmica, de viés explicitamente complexo, conduz a uma incessante complementaridade graças às ferramentas de incentivo à interação, que possibilitam a participação ativa de qualquer internauta na produção de mensagens (BRAMBILLA, 2005, p. 1)

O auge dessa chamada espiral citada por Brambilla se apresenta novamente no conceito de Stalder, considerada como uma forma eficaz de validar todo o conhecimento produzido e publicado através do jornalismo *open source*.

Um problema facilmente identificável nesse tipo de comunicação “livre” são as informações falsas ou não intencionalmente incorretas, mas ainda lembrando Brambilla (2005), esse tipo de jornalismo supera o modelo comum de comunicação que partia de um para todos, permitindo que a informação seja corrigida quase que imediatamente e os próximos internautas sejam alertados das incorreções. Felix Stalder (2006) ressalta que “esse processo de revisão colaborativa é importante para garantir um alto nível de qualidade dos recursos comuns”. (p. 2)

Alguns jornais impressos já experimentaram esse tipo de jornalismo em suas páginas da Internet. Luciano Martins Costa (2005) cita o caso do Los Angeles Times, que disponibilizou, on-line, um texto publicado pelo jornal para que os internautas reescrevessem. A experiência teve

um resultado muito interessante, cerca de mil leitores se propuseram a refazer o editorial, mas essa possibilidade foi cancelada depois de dois dias. A justificativa foi a falta de consciência de algumas pessoas que aproveitaram este espaço para enviar obscenidades. Robert Barrett (citado por COSTA, 2005), gerente geral do Los Angeles Times Interactive, confirmou a repercussão da novidade e assegurou que assim que for criada uma forma eficaz de impedir a ação de vândalos o jornal retomará a prática do *open source*.(p. 1)

Nesse aspecto, dez anos depois do *boom* do jornalismo digital, é possível afirmar que ainda falta domínio técnico. A perda do controle sobre a informação provoca ações radicais dos homens da mídia e parte do público precisa aprender a participar e ter também consideração por outros usuários e mediadores. Por outro lado, dez anos ainda é pouco tempo para os consumidores e produtores - acostumados com a passividade e a centralização, respectivamente – adotarem novas posturas diante da exigência da redefinição de seus papéis (QUADROS, 2005).

A possibilidade da manutenção e fácil acesso a uma base de dados na Internet já fornecem ao jornalismo on-line uma vantagem sobre as demais formas e esse trunfo é de certo modo essencial quando se fala em *open source journalism*. Isso permite que a notícia seja lida como está no presente momento e também se possam acessar todas as modificações nela efetuadas desde a publicação original.

Segundo Claudia Quadros (2005) a intenção única e exclusiva dos meios que possibilitam esse tipo de interação entre o público e a notícia é o lucro. Ela afirma que “a informação é encarada como negócio pelos empresários de comunicação desde o século XIX, quando foi possível a profissionalização do jornalista”. (p. 4)

As reações do público às inovações do jornalismo digital têm contribuído na inovação dos meios tradicionais. Conforme Quadros “jornais e revistas impressos, por exemplo, espelham-se na arquitetura web dos sites jornalísticos para atender um leitor cada vez mais sem tempo” (QUADROS, 2005, p. 5).

Através da análise apurativa e avaliativa sobre a nova ferramenta no contexto jornalístico, *open source journalism*, jornalismo de fonte aberta, além de fortalecer as bases dialógicas de uma imprensa cuja função essencial é aperfeiçoar o potencial crítico, e mostrar que a intenção

do jornalismo de fonte aberta não surgiu com a intenção de desregular nenhuma profissão, e sim promover a discussão científica na tentativa polêmica de caracterizar a produção e publicação de notícias de modo colaborativo, sem aferir os princípios da legitimidade do profissional de imprensa, mas contribuindo para o desenvolvimento social e na educação.

Referências

Artigos

AMORIM, Ricardo; VIEIRA, Eduardo. Blogs: Os novos campeões de audiência. *Revista Época*, São Paulo, n. 428, p. 96-105, jul. 2006. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,E-DG74959-6014-428-1,00.html>. Acesso em: 25 Agosto. 2008.

ANTUNES, Maria João; CASTRO, Eduardo Anselmo; MEALHA, Oscar. Tecnologias da Comunicação e Informação na reconfiguração das redes de relações dos sujeitos. *Universidade de Aveiro*, Portugal, Outubro de 2001.

AROSO, Inês Mendes Moreira. A Internet e o novo papel do jornalista. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/arosoines-internet-jornalista.pdf>. Acesso em: 14 set. 2006.

AROSO, Inês Mendes Moreira. A Internet e o novo papel do jornalista. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/arosoines-internet-jornalista.pdf>. Acesso em: 14 set. 2008.

Avaliação dos projetos contemplados pelo sistema integrado de apoio ao ensino (SIAE) - 1998. Coordenador: Professor Dr. Moacyr Domingos Novelli. Universidade de São Paulo – Pró-Reitorias de Graduação e Pós-Graduação. São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.usp.br/siae/proj/mdidat/result/99/relatorio98.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2008.

BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo open source em busca de credibilidade. In: *Intercom 2005 – XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 09, 2005, Rio de Janeiro. Anais. . . Rio de Janeiro, 2005.

- BRAMBILLA, Ana Maria, A Reconfiguração do Jornalismo através do modelo Open Source. *Famecos/ PUCRS*. Porto Alegre, set. 2005.
- BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo open source em busca de credibilidade. In: *Intercom 2005 – XXVIII CONGRESSO BRASILEIRO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 09, 2005, Rio de Janeiro. Anais. . . Rio de Janeiro, 2005.
- CANAVILHAS, João Messias. A Internet como Memória. *Universidade da Beira Interior*. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Acesso em: 5 set.. 2008.
- CANAVILHAS, João Messias. A Internet como Memória. *Universidade da Beira Interior*. 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>. Acesso em: 5 out. 2006.
- CORREA, Elizabeth Saad. O jornalista (brasileiro) na sociedade da informação: repórter da realidade, arquiteto da virtualidade. *JMT – Núcleo de Jornalismo, Mercado e Tecnologia*. 2005. Disponível em: <http://njmt.incubadora.fapesp.br/portal/publi/beth/>. Acesso em: 4 set. 2008.
- COSTA, Luciano Martins. A hipótese da interatividade total. *Jornal do Futuro*. Observatório da Imprensa, 2005. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=337SAI001>. Acesso em: 22 ago. 2008.
- DIAS, Claudia; Denise Fernandes. Pesquisa e método científicos. Brasília, mar. 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/claudiaad/pesquisacientifica.pdf>. Acesso em: 12 agosto. 2008.
- DUBE, Jonathan (2000) – Writing news online. *Poynter*. Disponível em: <http://www.poynter.org/dj/112200.htm>. Acesso em: 10 set. 2008.
- EDO, Concha. Los nuevos medios *on line* todavía no existen. *BOCC – Biblioteca On-line de Ciencias da Computação*, 2000. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/edo-concha-nuevos-medios-no-existen.pdf>. Acesso em: 10 set. 2008.

- FOSCHINI, Ana Carmen; TADDEI, Roberto Romano. Blog. Coleção Conquiste Rede, São Paulo, set. 2006. Disponível em: http://www.terra.com.br/informatica/pdfs/conquiste_a_rede_blog.pdf. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- GRADIM, Anabela. Manual de Jornalismo. *BOCC* – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2000. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- IBGE contou 32,1 milhões de usuários da internet no país. 23 de março 2007. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=846. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- LIMA, Zacarias. Da pré-pauta à edição final. Faculdade Interamericana de Porto Velho – RO. Porto Velho, 2005. Disponível em: <http://www.uniron.edu.br/show.jsp?CdMateria=200>. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- LEAL, Zélia. Jornalismo Online: em busca do tempo real. In: XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2002, Salvador/BA. *Anais...* Salvador: Intercom, 4 e 5 set. 2002. Disponível em: http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18685/1/2002_NP2ADGHIRNI.pdf. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- MORETZSOHN, Sylvia. Um cotidiano exercício de suspensão. *Observatório da Imprensa*. 27 mar. 2007. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=426AZL003>. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- MEDITSCH, Eduardo. A filosofia de Paulo Freire e as práticas cognitivas no jornalismo. Comunicação originalmente apresentada no VI Congresso da Brazilian Studies Association (BRASA VI) Atlanta (USA), 4 a 6 de abril de 2002, dentro do painel: The Past and the Future of Journalism: Representation, Pedagogy and Digital Communication, sob a coordenação de Raul Reis. Disponível em: http://www.infoamerica.org/teoria_articulos/freire1.htm. Acesso em: 8 agosto. 2008.

- OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de. Apontamentos sobre a história de dois jornais curitibanos: “Gazeta do Povo” e “O Estado do Paraná”. *Inisinos* – Programa de Pós-Graduação do vale do Rio dos Sinos, s/d. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/midia/elzaaparecidadeoliveirafilha.doc>. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, Informação e Memória: Apontamentos para debate. *Departamento de Comunicação e Artes*. Apresentação nas Jornadas de Jornalismo Online, Universidade da Beira Interior (Portugal), 1999.
- PANTOJA, Sonia, FERREIRA, Rosângela. Evolução da Internet no Brasil e no Mundo. Abril, 2000. Disponível em: <http://ftp.mct.gov.br/Temas/info/Pesquisas/EvolInter.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- PERUZZO, Cecília M. Krohling. Webjornalismo: do Hipertexto e da Interatividade ao Cidadão Jornalista. *Verso e Reverso – Revista da Comunicação*. São Leopoldo/RS, n.37, p.77-95, 2003. Disponível em: <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=3>. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- PRIMO, Alex. Ferramentas de interação em ambientes educacionais mediados por computador. *Educação*, V. XXIV, n. 44, p. 127-149, 2001. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/ferramentas_interacao.pdf. Acesso em: 8 agosto. 2008.
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. *Revista da FAMECOS*, n. 23, p. 54-63, dez. 2003.
- PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek. A conversação na comunidade de blogs *insanus*. *Intercom* - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17831/1/R1713-1.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2006.

- PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. Revista da *FAMECOS*, n 23, p. 54-63, Dez. 2003 2003.
- PRIMO, Alex; TRASEL, Marcelo. Webjornalismo e a produção aberta de notícias. 2006. Disponível em: <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/actual/13PrimoyTrasel.pdf>. Acesso em: 5 out. 2006.
- QUADROS, Claudia Irene de. Uma breve visão histórica do jornalismo on-line. *INTERCOM* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador/BA, 1 a 5 set. 2002.
- QUADROS, Claudia Irene de; ROSA, Ana Paula da; VIEIRA, Josiany. Blogs e as transformações do Jornalismo. *Compôs* – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, ed. 3, n. 4, ago. 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/>. Acesso em: 5 out. 2006.
- QUADROS, Claudia Irene de; SPONHOLZ, Liriam. Deu no blog jornalístico: é notícia?.2006.
- QUADROS, Claudia Irene de. A participação do público no webjornalismo. *Compôs* – Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, n.5, 2005.
- ROCHA, Paula Jung. Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade. Revista *FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, p. 73-82, dez. 2003. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/rvfamecos/22/a08v1n22.pdf>. Acesso em: 9 out. 2006.
- SILVA JUNIOR, José Afonso. A Interface Como Estrutura de Produção do Jornalismo de Fonte Aberta. *FACOM* – Faculdade de Comunicação, UFBA. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Porto Alegre, 2004. Disponível em: http://72.14.209.104/search?q=cache:uEqu89rcPp4J:www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_silvajr_interface_jol_fonteaberta.pdf. Acesso em: 10 out. 2006.

SILVA, Tarcísio Torres. Blogs e o crescimento das trocas simbólicas na rede. *Caligrama* – Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia, São Paulo, v. 1, n. 2, maio-agosto. 2005. Disponível em: http://www.eca.usp.br/caligrama/anteriores_2.html. Acesso em: 4 out. 2006.

SIMÕES, Amanda; MOTA, Andréa; XAVIER, Gizelli. O jeito blogger de ser. *Unifolha*, Campo Grande – MS, 30 abr. 2003. Disponível em: <http://www.unifolha.com.br/Materia/?id=3262>. Acesso em: 5 out. 2006.

STALDER, Felix. A inteligência cooperativa. 2006. Disponível em: http://felix.openflows.org/html/wordmatters/art_9_FS_pt.html. Acesso em : 10 nov. 2006.

TERRA, Carolina. As relações públicas e as novas tecnologias de informação e de comunicação. *Caligrama* – Revista de Estudos e Pesquisas em Linguagem e Mídia, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-18, maio-agosto. 2005. Disponível em: http://www.eca.usp.br/caligrama/anteriores_2.html. Acesso em: 4 out. 2006.

VARGAS, Júlio Celso Borello et al. Plano Diretor Participativo de Cachoeirinha - Uma Experiência de Construção Coletiva: universidade, comunidade, poder público. Disponível em: <http://www.uniritter.edu.br/w2/comuni/1/artigos/5.html>. Acesso em: 10 nov. 2006.

ZAMORA, Lizy Navarro. Los periódicos on line: sus características, sus periodistas y sus lectores. *Sala de Prensa*. Año III, Vol. 2, ago. 2001. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art253.htm>. Acesso em: 10 nov. 2006.

Entrevistas

CARNEIRO, Priscila Benevides. *Entrevista concedida a Queila Mota de Oliveira*. Curitiba, 06 jun. 2007.

CARPES, Viviane. *Entrevista concedida a Queila Mota de Oliveira*. Curitiba, 06 jun. 2007.

- CARVALHO, Sara. *Entrevista concedida a Karolinni C. Giovannetti Gulin*. Curitiba, 16 mai. 2007.
- FERREIRA, Alessandra. *Entrevista concedida a Cíntia Cristo*. Curitiba, 21 mai. 2007.
- GODINHO, Márcia Francielle. *Entrevista concedida a Queila Mota de Oliveira*. Curitiba, 06 jun. 2007.
- GUERREIRO, Pablo. *Entrevista concedida a Karolinni C. Giovannetti Gulin e Alexandre Torresani de Lara*. Curitiba, 05 jun. 2007.
- MELECH, Ana. *Entrevista concedida a Karolinni C. Giovannetti Gulin*. Curitiba, 06 mai. 2007.
- MONTEIRO, Nilson. *Entrevista concedida a Cíntia Cristo*. Curitiba, 11 abr. 2007.
- ONGARO, Viviane. *Entrevista concedida a Queila Mota de Oliveira*. Curitiba, 06 jun. 2007.
- RODRIGUES, Márcio; ALMEIDA, Aniele. *Entrevista concedida a Cíntia Cristo*. Curitiba, 27 abr. 2007.
- SELBACH, Dorival. *Entrevista concedida a Queila Mota de Oliveira*. Curitiba, 06 jun. 2007.

Livros

- BASTOS, Helder. *Jornalismo Eletrônico - Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redações*. Coimbra: Minerva Editora, 2000.
- COLLARO, Antonio Celso. *Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação*. 4 ed. rev.e ampl. São Paulo: Summus, 2000.
- COLOMBO, Furio (1998) – *Conhecer o jornalismo hoje*. Lisboa: Editorial Presença.
- FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

- LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- LEVY, Pierre. *Cibercultura*. 1 ed. São Paulo: 34, 1999, 264 p. (Coleção TRANS).
- MILLISON, Doug (1999) – The journalist of tomorrow. *Speakout.com*. Disponível em <http://speakout.com/cgi-bin/udt/speakout&story.id=4171>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- MOHERDAUI, Luciana. *Guia de Estilo Web: produção e edição de notícias on-line*. 2ª ed.ver. e ampl. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2002.
- MOURA, Leonardo. *Como escrever na rede: manual de conteúdo e redação para Internet*. Rio de Janeiro: Record, 2002 .
- PAVLIK, John. *Journalism and new media*. New York: Columbia University. Press, 2001.
- PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line*. São Paulo: Summus, 2003. (Coleção novas buscas em comunicação; v. 71).
- PINTO, Marcos José. *Blogs! Seja um Editor na Era Digital*. 1 ed. São Paulo: Érica, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Palus, 2004.
- THOMPSON, J.B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.
- WOLTON, Dominique. *Internet, e depois?* Porto Alegre: Sulina, 2003.

Sites

- ANDRADE, Sérgio Murilo de. *Defesa do Diploma de Jornalista*. Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.jornalistasp.org.br/index.php?option=com_content&task=section&id=15&Itemid=91. Acesso em: 19 abr. 2007.

- AROSO, Inês Mendes Moreira. A Internet e o novo papel do jornalista. 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/arosoines-internet-jornalista.pdf>. Acesso em: 14 set. 2006.
- BELL, Gordon. CyberAll: A Personal Store for Everything. Disponível em: <http://research.microsoft.com/users/GBell/CyberAll.htm>. Acesso em: 5 out. 2006.
- BLOGSPOT. Jornalismo & Internet. Blog do GJOL. Blog coletivo sobre Jornalismo, Internet e novas tecnologias de comunicação. Grupo de pesquisa em Jornalismo On-line, Bahia, 2006. Disponível em: <http://gjol.blogspot.com/2006/08/o-uso-de-videos-produzidos-pelos.html>. Acesso em: 5 out. 2006
- Carta de Campos dos Goytacazes. *Intercom Notícia*. Jornal semanal da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, São Paulo, ano 2, n. 19, mai. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/boletim/a02n19/index.shtml>. Acesso em: 5 out. 2006.
- COSTA, Elisabeth, ZUCULOTO, Valci. Fenaj e a Comissão de Especialistas em Jornalismo. *Observatório da Imprensa*. Diretório Acadêmico, 1999. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/da050699.htm>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- DE SOUSA, Cidoval Moraes; LOURES, Ângela. Crítica de mídia e ensino do Jornalismo, uma relação necessária. *Observatório da Imprensa*. 12 setembro, 2006. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=398DAC002>. Acesso em 15 set. 2006.
- DIMENSTEIN, Gilberto. Estágio em jornalismo: oficialmente proibido, mas amplamente praticado. *Aprendiz do Futuro*. Guia de Emprego. Disponível em: http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadempregos/estagios/info/artigos_090402.htm. Acesso em: 5 out. 2006.
- Diretoria da FENAJ. Decisão histórica resgata dignidade da profissão e dá fôlego na luta pelo CFJ. Sindicato dos Jornalistas Profissionais

no Estado de São Paulo. São Paulo, jan. 2006. Disponível em: http://www.jornalistasp.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=423&Itemid=91. Acesso em: 10 nov. 2006.

Formação do Jornalista e Regulamentação da Profissão. Fórum dos Cursos de Jornalismo. Relatório do GT-04. São Paulo, março de 2002. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/formacao.htm>. Acesso em: 17 set. 2006.

GHEDINI Fred. Defesa do Diploma de Jornalista. Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.jornalistasp.org.br/index.php?option=com_content&task=section&id=15&Itemid=91. Acesso em: 19 abr. 2007.

GIANNOTTI, Vito. O Golpe de 64 e a mídia da época. NPC – Núcleo Piratininga de Comunicação. Disponível em: http://www.piratinin ga.org.br/novapagina/leitura.asp?id_noticia=510&topico=Memória%20-%20Golpe%20de%2064. Acesso em: 10 nov. 2006.

Guia do Jornalismo na Internet. Interatividade. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/cap11.html>. Acesso em: 10 nov. 2006.

LAGE, Nilson. O Ensino do Jornalismo no Século XXI. Universidade Federal de Santa Catarina. In: PALESTRA DE ABERTURA DO FÓRUM DOS PROFESSORES DE JORNALISMO, 2001, Campo Grande/MS. *Anais...* Campo Grande, 2001. Disponível em: http://www.fnpj.org.br/antigo/noticias/palestra_lage.htm. Acesso em: 5 out. 2006.

MARQUEZ, Gabriel García. A melhor profissão do mundo. Observatório da Imprensa, 1996. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/mat2010a.htm>. Acesso em 17 set. 2006.

MARTÍN, Maria Teresa Sandoval (2000) –Los periodistas en el entorno digital: hacia el periodista multimedia. *Sala de Prensa*. Disponível em: <http://www.saladeprensa.org/art164.htm>. Acesso em: 10 nov. 2006.

- MATTOSO, Guilherme de Queirós. Internet, jornalismo e weblogs: uma nova alternativa de informação. *BOCC* – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2003. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=772. Acesso em: 4 out. 2006.
- Ministério da Educação. Inep – Instituição Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Educação Superior Cursos e Instituições. Disponível em: <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>. Acesso em: 25 set. 2006.
- PACHECO, Roni Petterson de Miranda. A Importância do Jornal Laboratório Portal na Formação do Jornalista: a perspectiva do aluno. PUC Minas Arcos. Disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd3/jornal/ronipettersondemirandapacheco.doc>. Acesso em: 5 out. 2006.
- Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação no Brasil 2005. Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- Rede Ibero-americana de Comunicação Digital (Rede ICOD). Disponível em: http://www.icod.ubi.pt/pt/pt_carreras_evolution.html. Acesso em: 5 out. 2006.
- SANTOS, Sonia Clara. Jornalismo profissão ou destino. Fórum do Estudante. Disponível em: http://www.ipv.pt/forumedia/fe_4.htm. Acesso em: 17 ago. 2006.
- SEPIN, Assessoria. Evolução da Internet no Brasil e no Mundo. Ministério da Ciência e Tecnologia. Secretaria de Política de Informática e Automoção. 2000. Disponível em: <http://216.239.51.104/search?q=cache:JxQm5oCIk1gJ:ftp.mct.gov.br/Temas/info/Pesquisas/EvoIInter.pdf+Evolu%C3%A7%C3%A3o+da+Internet+no+Brasil+e+no+Mundo&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=1>. Acesso em: 10 nov. 2006.
- STEPP, Carl Sessions (1996) – The new journalist. *American Journalism Review*. Disponível em: <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&se=gglsc&d=5000340043&er=deny>. Acesso em: 17 Julho. 2008.

Technorati. Site especializado em Blog. Disponível em: <http://www.technorati.com>. Acesso em: 17 Julho. 2008.

VIANA, Daniele. Página pessoal de webdesign. Disponível em: <http://www.danielevsilva.com>. Acesso em: 8 agosto. 2008.

Wikipédia. Enciclopédia Online. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Weblog>. Acesso em: 8 agosto. 2008.

ZUCULOTO, Valci. A qualidade do ensino de jornalismo. In: FÓRUM DOS PROFESSORES DE JORNALISMO, 2001, Campo Grande/MS, abr 2001. *Anais...* Campo Grande, 2001. Disponível em: http://www.fnpj.org.br/antigo/noticias/palestra_valci.htm. Acesso em: 8 agosto. 2008.